

BREVE PARALELO ENTRE ARTE MODERNA E ARTE PÓS-MODERNA

Este texto trata de um breve paralelo entre arte moderna e arte pós-moderna, enfocando os últimos movimentos artísticos modernos, que foram as segundas vanguardas, e as tendências pós-modernas, e aponta algumas causas que determinaram a ruptura com o processo artístico das vanguardas e o surgimento da arte pós-moderna. A partir de uma análise a nível internacional, o autor apresenta algumas reflexões a respeito do fenômeno no âmbito latino-americano e brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Arte moderna, Vanguardas artísticas, Segundas vanguardas, Arte pós-moderna, Ecletismo estilístico, Pluralismo estilístico historicista.

BREVE PARALELO ENTRE ARTE MODERNA E ARTE PÓS - MODERNA

Na condição de artista, pretendo tratar, neste artigo, de algumas questões a respeito da pós-modernidade, enfatizando basicamente a praxis artística, e fazer um pequeno paralelo entre as últimas manifestações da arte moderna e a arte pós-moderna. Deste modo, será observado o momento em que as propostas da arte pós-moderna rompem definitivamente com as normas artísticas da modernidade, principalmente das vanguardas, assinalando o que, do meu ponto de vista, são as principais características da produção artística pós-moderna. Serão também apontados alguns fatores que acredito que foram determinantes para esta mudança. No primeiro momento, a questão será abordada a nível mais global e, posteriormente, em relação à América Latina e Brasil.

As últimas manifestações da arte moderna, no âmbito internacional, foram o que a historiografia contemporânea está denominando de "segundas vanguardas". São as tendências artísticas surgidas na Europa e nos Estados Unidos entre o fim da Segunda Guerra Mundial e o final dos anos sessenta e início da década de setenta. Os principais movimentos das segundas vanguardas são basicamente os seguintes: o Informalismo na Europa e o Expressionismo Abstrato nos Estados Unidos - embora tenham denominações diferentes, ambos movimentos têm as mesmas características estéticas -, a Pop Art, o Novo Realismo Francês, o Novo Abstracionismo, a Minimal Art, a Arte Cinética, os chamados Movimentos de Desmaterialização do Objeto Artístico, que se subdividem em Arte de Ação, Happenings, e Arte Conceitual, que, por sua vez, engloba a Body Art ou Arte Corporal, as Performances e a Land Art ou Arte de Paisagem. Também, como movimentos das segundas vanguardas, temos a Arte Povera e o Hiperealismo.

Estas tendências mantêm os mesmos princípios básicos das vanguardas anteriores, ou seja, das primeiras, como, por exemplo, o Cubismo, o Abstracionismo, o Expressionismo, o Surrealismo, etc., pois seguem a tradição da incessante procura pelo novo em arte. Um dos compromissos da arte moderna e, sobretudo, das vanguardas, era, como sabemos, o de incessantemente criar novos estilos artísticos, e toda a nova tendência, embora pudesse ter alguns antecedentes em movimentos anteriores, deveria determinar um rompimento em relação a estes e ser diferentes dos demais. Desta maneira, as vanguardas criavam novas estéticas excludentes entre si, que, por isso, não se misturavam e não se inter-relacionavam de forma importante. Este compromisso continuou idêntico nos movimentos das segundas vanguardas mencionadas anteriormente.

Entretanto, aproximadamente a partir do fim dos anos sessenta e início dos setenta, este processo de inovação constante das vanguardas artísticas começa a entrar em crise. A atitude de busca incessante do novo se transforma em rotina, e começa a entrar em descrédito a idéia propugnada pelas vanguardas - e, de certa forma, também pela modernidade - de que todo o posterior é superior. Deste modo, surge a percepção de que a inovação pela inovação não implica necessariamente em progresso artístico e cultural, determinando que o processo de contínua inovação das vanguardas se esgotasse por si mesmo, embora também existam fatores sociais, políticos e econômicos externos a elas, que contribuíram a sua crise e que serão tratados mais adiante.

Desde então, no dizer de Charles Jencks, começam a crescer as propostas híbridas da produção cultural e a justaposição, na arte, de todos os elementos estilísticos conhecidos. Isso implica na volta aos estilos do passado e nas uniões, mesclas e justaposições de diferentes elementos estilísticos, tanto novos como antigos e, inclusive, entre novos e antigos.

Segundo Lourdes Cirlot, importante pesquisadora e historiadora da arte contemporânea:

Ao voltarem-se a etapas e estilos anteriores, os artistas pós-modernos combinaram em suas realizações, linguagens do passado com outras que estiveram vivas nas correntes do século XX. Impôs-se um ecletismo que afetou a todos os terrenos, incluído o do design. Cada vez é mais complexo, e ao mesmo tempo mais arriscado, tentar uma classificação por modalidades dentro desta grande etapa que corresponde à pós-modernidade.

Na pintura, as tendências pós-modernas tiveram diferentes denominações de acordo com o país de origem. As principais foram: a Trans-vanguarda Italiana, o Neoexpressionismo Alemão e o Pattern & Decoration nos Estados Unidos. Embora tais tendências tenham denominações diferentes, esteticamente elas têm as mesmas características básicas, conforme veremos mais adiante. Além disto, a pintura pós-moderna manifesta-se com as mesmas características dessas tendências em praticamente todos os países de cultura ocidental - ainda que nestes países não existam movimentos com denominações específicas - e, por conseguinte, na América Latina e no Brasil.

Em linhas gerais, a principal e mais significativa característica da arte pós-moderna é a "adoção de uma posição nômade com respeito às linguagens do passado sem respeitar nenhuma filiação determinada", conforme assinalou Achille Bonito Oliva. Isso se traduz no pluralismo estilístico historicista e no ecletismo estilístico. Esses fenômenos, a meu ver, são as principais características da arte pós-moderna.

O pluralismo estilístico historicista consiste na formação de revivals de estilos históricos, na formação contemporânea dos neos, ou seja, na mera utilização pelos artistas de estilos ou de elementos de movimentos artísticos do passado para a execução de uma obra. Trata-se de pluralismo porque diversos estilos anteriores são revividos por vários artistas no mesmo espaço temporal.

O ecletismo estilístico, por sua vez, consiste na união, na justaposição ou na mescla de dois ou mais estilos ou elementos estilísticos diferentes ou opostos entre si em uma única obra ou no conjunto da obra de um determinado artista. Esses estilos ou elementos estilísticos podem ser tanto do passado mais remoto como do mais recente. Penso que a mais importante dessas duas características é o ecletismo estilístico, porque é a que se pode observar com maior freqüência dentro da produção artística pós-moderna, pois cada vez são mais numerosas as obras formadas por estilos misturados do que as que simplesmente revivem apenas um estilo antigo. Além disso, diferentemente da prática do pluralismo historicista, ao mesclar-se estilos distintos em uma mesma obra, pode-se chegar a uma inusitada forma artística, pois, conforme assinala Hegel, no ecletismo, o artista segue aplicando seu gênio e tece seu próprio material.

É importante observar também alguns fatores que determinaram estas características na arte pós-moderna. Alguns deles, intrínsecos às vanguardas e que levaram ao esgotamento, por si mesmo, do processo de inovação pela inovação das propostas artísticas, já foram mencionados anteriormente. Mas, além destes, existem outros que são externos a elas e que ajudaram a determinar a interrupção do seu processo artístico e, por consequência, são também determinantes ao surgimento da arte pós-moderna. Entre eles, é possível destacar, em primeiro lugar, o grande avanço nos meios de transportes e de comunicações. Na década de sessenta, com o barateamento dos custos da aviação civil, multiplicaram-se de forma considerável as linhas aéreas comerciais. Também foi nos anos sessenta que as comunicações via satélite consolidaram-se. Além disso, nos anos setenta, iniciaram-se as comunicações através do computador e surgiu, então, a internet, que veio a consolidar-se na década de oitenta. O avanço dos meios de transporte possibilitou que os produtores de cultura se deslocassem com grande rapidez por diversas partes do mundo. E os atuais meios de comunicação, principalmente através dos satélites e da internet, permitiram o contato instantâneo entre as diversas culturas mundiais e nos possibilitam saber quase instantaneamente o que está acontecendo nas mais diferentes partes do planeta.

Outro fator importante é o crescimento cada vez maior das grandes cidades, que são cada vez mais os centros culturais da atualidade. Este fato propicia a concentração dos produtores de cultura e a convivência, no mesmo espaço físico, de pessoas de diferentes origens culturais.

Também é importante destacar a constatação de que o progresso científico e tecnológico - ao qual a modernidade sempre esteve vinculada - nem sempre pode trazer benefícios à humanidade, como comprovam, além de outros exemplos, as bombas termonucleares, a poluição, a possibilidade, entre outras, da produção de alimentos trans-gênicos através da engenharia genética que podem trazer riscos à saúde humana e ao meio ambiente.

É digno de nota também que os campos políticos e econômicos estão marcados pelo fim dos regimes marxistas na Europa e sua agonia em outros continentes, por não haverem sido capazes de

f t d fi iti t d d i i t h i fi d t d d b t i l

da história, para a solução das questões de organização social, política e econômica. A constatação de que nenhum dos dois regimes resultou favorável às soluções esperadas pode ter causado uma desilusão com respeito às propostas modernas de progresso econômico e de um futuro melhor e, deste modo, contribuiu, junto com os outros fatores anteriormente mencionados, para que a pós-modernidade se voltasse ao passado, às culturas minoritárias, regionais e muitas vezes primitivas, determinando todo este hibridismo cultural que a caracteriza de modo geral.

Com relação à América Latina e ao Brasil, a produção artística pós-moderna, do meu ponto de vista, não é diferente dos demais países, pois se trata de um fenômeno que abrange toda a cultura ocidental. E não se tem notícia, em nenhuma parte, de nenhum novo estilo artístico surgido desde a segunda metade da década de setenta, o que era condição sine qua non da arte moderna. Aliás, como sabemos, nunca se teve notícia dentro da história da arte, a não ser na arte indígena ou das civilizações pré-colombianas, de um estilo genuinamente brasileiro ou latino-americano. As próprias vanguardas artísticas chegaram ao Brasil e à América Latina tardiamente, quando já consolidadas na Europa. Portanto, sempre foi da nossa tradição importar e reproduzir o anteriormente produzido. Antes somente da Europa e, mais recentemente, da Europa e dos Estados Unidos. Hoje em dia, com a instantaneidade das comunicações e da informação, este processo ocorre de forma mais acelerada.

Além dos vários exemplos da arte pós-moderna que podemos perceber claramente no Brasil nas técnicas artísticas mais tradicionais, como a pintura, a escultura, a gravura, etc., também os temos nas manifestações de desmaterialização do objeto artístico, como a Arte Conceitual, as performances, etc., abundantemente praticadas aqui, como se pode observar nas grandes exposições e nos grandes eventos artísticos. Embora muitas vezes, neste caso, se possa pensar que se está trabalhando com elementos da mais avançada vanguarda - e certamente são elementos das últimas - trata-se, na verdade, da prática de uma espécie de historicismo, pois se está repetindo e revivendo movimentos surgidos nos anos sessenta que se consolidaram na primeira metade dos anos setenta. Portanto, por serem movimentos que existem há mais de trinta anos e que surgiram dentro da segundas vanguardas, já são históricos no contexto da arte contemporânea. Deste modo, estas manifestações praticadas hoje em dia, paradoxalmente, encontram-se adequadas às características da produção artística pós-moderna e, inclusive, ajudam a afirmá-las, pois, na verdade, não está sendo produzido nenhum novo estilo e nenhuma nova estética - o que era condição fundamental para a arte moderna - e sim revivendo elementos já existentes e anteriormente consolidados, o que é próprio das práticas artísticas pós-modernas. Sem falar que a prática destas manifestações não se dá hoje em dia de forma tão pura como nos seus inícios. Atualmente, elementos de uns destes movimentos são misturados com elementos de outros, e, muitas vezes, seus próprios elementos são mesclados com outros de manifestações artísticas mais tradicionais e mais antigas, o que configura também a prática do ecletismo. Por estas razões, estas manifestações não se encontram fora do contexto artístico pós-moderno. Estão, portanto, no mesmo nível das outras modalidades artísticas que revivem um estilo passado, criando um neo, ou das formas artísticas ecléticas, que mesclam vários estilos sem distinção hierárquica entre eles, confirmado, deste modo, as características da arte pós-moderna.

Para concluir, é importante mencionar que não vejo o fenômeno da arte pós-moderna, com seus historicismo e ecletismo estilísticos, enfim, com todo este hibridismo, como sendo de alguma forma nocivo à cultura brasileira ou à latino-americana, pois, ao mesmo tempo que temos a possibilidade de assimilar rapidamente e trabalhar com elementos culturais de outras partes do planeta - o que, a meu ver, também é um processo rico - temos também a possibilidade de afirmar os elementos mais genuínos das nossas raízes culturais, trabalhando não só com elementos europeus ou norte-americanos, mas também africanos e indígenas. Aliás, esta prática já é comum na obra de alguns artistas, inclusive europeus e norte-americanos, que misturam, em seus trabalhos, elementos da cultura latino-americana. O norte-americano Keith Haring, por exemplo, mescla elementos das culturas maia e asteca com elementos estilísticos da Pop Art e de outras correntes das vanguardas. Outro exemplo é o do italiano Mimmo Paladino. Este artista produz suas pinturas misturando elementos de estilos artísticos antigos e novos junto com elementos mitológicos e religiosos, inclusive elementos do candomblé brasileiro. O processo pós-moderno, portanto, nos confere ampla liberdade para que possamos produzir nossa arte também com os elementos mais arraigados da nossa cultura latino-americana. Deste modo, penso que também temos espaço dentro da globalização cultural para afirmar pelo menos parte da nossa identidade cultural ou, melhor dizendo, das nossas identidades culturais, pois, somente dentro do Brasil, sem falar em toda a América Latina, temos uma infinita e rica gama de diferentes traços culturais ou de diferentes culturas propriamente ditas.

Além do mais, acredito que o atual momento histórico e artístico, por ter as características mencionadas, é um momento propício e bastante oportuno para uma revisão e uma grande reflexão cultural, não só do ponto de vista artístico, mas também em todos os outros campos, o que, a meu ver, há algum tempo já vem acontecendo.

BOZAL, Valeriano. **Modernos y Postmodernos**. Historia 16, Col. Historia del Arte, Madrid, 1993.

CIRLOT, Lourdes. **Las Últimas Tendencias Pictóricas**. Ed. Vicens-vives, Col. Historia Visual del Arte 17, 1^a ed., Barcelona, 1990.

_____. **Últimas Tendencias**. Editorial Planeta, Col. Historia Universal del Arte, 2^a ed., Barcelona, 1993.

COELHO, Teixeira. **Moderno – Pós-moderno**. L&PM, 2^a ed., Porto Alegre, 1990.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Lecciones sobre la Estética**. Akal, Madrid, 1989. Tit. orig.: *Vorlesung über die Asthetik*. Tradução espanhola: Alfredo Brotón Muñoz.

JENCKS, Charles. **El Lenguaje de la Arquitectura Posmoderna**. Ed. Gustavo Gilli, 3^a ed., Barcelona, 1986. Tit. original: The Languaje of Post-Modern Arquitecture. Tradução espanhola: Pérdigo Nardiz e Antonia Kenigan Gurevich.

MARCHÁN FIZ, Simón. **La Estética en la Cultura Moderna – De la Ilustración a la Crisis del Estructuralismo**. Alianza Editorial, Madrid, 1987.

PICÓ, Josep (copilação). **Modernidad y Postmodernidad**. Alianza Editorial, Madrid, 1988. Tradução espanhola dos artigos: Francisca Pérez Carreño, José Luis Zalabardo, Manuel Jiménez Redondo, Antoni Torregrosa e Inmaculada Alvarez Puente.

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Edição: 2001 - Vol. 26 - N° 01 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**